

“Isso é assédio”: análise de performances no twitter a partir de conceitos propostos por Goffman

“Is this harassment?”: analysis of performances on twitter based on concepts proposed by Goffman

Gabriela Viol Valle¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar interações no *twitter*, a fim de investigar como é construída a troca entre os seus usuários. Desse modo, buscamos perceber como os sujeitos atuam nessa rede social, sobretudo diante de temas polêmicos. Como aporte teórico, utilizamos algumas contribuições de Goffman que refletem sobre as condutas dos indivíduos em sociedade, a saber: *performance*, *footing*, *face* e gerenciamento de impressão. A pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativista e nossa metodologia partiu da seleção de comentários gerados em uma publicação do *twitter*. A partir das análises, foi possível compreender as motivações dos comportamentos dos sujeitos em interação e refletir sobre a formação de determinados constructos sociais.

PALAVRAS-CHAVE:

Twitter. Goffman. Assédio. Interação.

ABSTRACT

This work aimed at analyzing interactions on *twitter*, in order to investigate how the exchange between its users is built. Thus, we seek to understand how the subjects act in this social network, especially in face of controversial themes. As a theoretical basis, we used some contributions by Goffman that reflect on the behavior of individuals in society, as well as *performance*, *footing*, *face* and print management. The research is of a qualitative and interpretative nature and our methodology started from the selection of comments generated in a *twitter* publication. From the analysis, it was possible to understand the motivations of the subjects' behavior in interaction and reflect on the formation of certain social constructs.

KEYWORDS:

Twitter. Goffman. Harassment. Interaction.

Recebido em: 24.03.2021

Aceito em: 22.07.2021

¹ E-mail: gabrielaviol@hotmail.com | ORCID: 0000-0002-3646-3563

1. Introdução

As redes sociais têm se tornado cada dia mais um canal de comunicação indispensável no nosso cotidiano. Para além de sua utilização como meio de interação em formato de conversas, as redes têm sido, também, um espaço para debates, desabafos, exposição de ideias etc. Desse modo, este trabalho se utilizou de interações no *twitter* para investigar como é construída a troca entre os seus usuários.

Entender as relações sociais é também compreender a nós mesmos. Como o contato via redes sociais representa, atualmente, algo comum no nosso dia a dia, é importante que pensemos em como se dá a construção dessas relações. Como salienta Polivanov (2019):

Em ambientes como Facebook, Instagram, Twitter, dentre tantos outros sites de redes sociais, temos, assim, a possibilidade de constantemente atualizarmos nossos selves nós mesmos, seja através da publicação de imagens ou textos (postar uma nova foto de perfil, por exemplo), ou sermos atualizados num certo sentido pelas pessoas que compõem nossa rede (como através do recebimento de uma marcação – tag – em uma postagem de um amigo ou mesmo uma conversação através de comentários) (Polivanov, 2019, p. 113).

Assim, entendemos que as relações nas redes sociais, tanto quanto as relações face a face, estão cada vez mais ganhando espaço em pesquisas. Isso porque é indispensável buscarmos compreender o ser humano em todas as suas relações.

O objetivo desta pesquisa foi, de um modo geral, perceber como os sujeitos atuam na rede social *twitter*, sobretudo diante de temas polêmicos, como o tema do assédio, que incitou a interação que foi nosso foco de análise. É importante destacar que algumas páginas públicas nas redes são criadas já com o intuito de gerar interações de modo a promover debates, como é o caso da página *Quebrando o Tabu*, de onde geramos os nossos dados.

De modo mais específico, buscamos investigar como as pessoas atuam diante de determinado contexto virtual e de sua plateia, ou seja, quais papéis elas assumem na interação; observar como as pessoas se alinham aos discursos das outras, a partir de uma postagem provocativa; perceber quais são as estratégias utilizadas pelos usuários do *twitter* para conseguir manter a face; e verificar como esses sujeitos gerenciam as suas próprias impressões perante outras pessoas.

Diante da temática do assédio debatida por mulheres no jogo interacional, percebemos como os sujeitos performam no ambiente digital, gerenciando a impressão de forma a construir alinhamentos e faces. Por isso, utilizamos como aporte teórico analítico algumas teorias propostas por Goffman que refletem sobre as condutas dos indivíduos em sociedade, no seu cotidiano.

Sendo assim, baseamo-nos nos conceitos de *performance*, *footing*, *face* e gerenciamento de impressão.

A pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativista e nossa metodologia se deu a partir da seleção de comentários gerados em uma publicação na página do *twitter Quebrando o Tabu*, cuja temática é sobre o assédio às mulheres no ambiente de trabalho. Após a seleção dos comentários, realizamos as análises de modo a observar como aparecem nessas interações os conceitos propostos por Goffman que nos serviram como base teórica.

A relevância deste trabalho se dá na medida em que compreender as motivações dos comportamentos dos sujeitos em interação no nosso cotidiano é fundamental para compreendermos determinados constructos sociais. Além disso, refletir sobre a postura dos indivíduos em coletividade é fundamental para aprimorarmos as concepções que nós temos acerca de nós mesmos e das nossas relações.

2. Referenciais teóricos

Neste trabalho, utilizamos como aportes teóricos alguns conceitos criados por Goffman para discutir algumas posturas dos indivíduos em interações sociais. Desse modo, baseamo-nos no que o autor propõe sobre *performance*, *footing*, *face* e gerenciamento de impressão.

Os conceitos do autor escolhidos serviram como aparato de análise para este trabalho compreendendo que a interação, ainda que não seja *face a face*, representa um contexto muito próximo. Portanto, a interação analisada possui características que se enquadram no que estuda a sociolinguística interacional, sobretudo no que diz respeito a interações na vida cotidiana, considerando o debate nos comentários como uma troca dialógica interacional.

Mais especificamente, utilizamos a proposta de *performance* para perceber como os sujeitos atuam na interação gerada e utilizada como dado deste trabalho e como desenvolvem a cena diante de seu público. O conceito de *footing* nos ajuda a perceber como os participantes da cena se alinham - ou não - aos outros personagens da cena. Já a ideia de *face* e gerenciamento de impressões proposta por Goffman nos permite compreender como os sujeitos da interação constroem o seu eu para agir na cena e como o gerenciam de modo que sejam bem quistos, principalmente para que o fluxo interacional possa ser mantido de forma satisfatória.

2.1 Performance

Uma grande colaboração para os estudos sociointeracionais foi o conceito de *Performance* proposto por Goffman (2002). O autor acredita que, nas relações cotidianas, os sujeitos performam, atuando em diferentes papéis. Segundo ele, em uma *performance*, a atenção é que as pessoas - que pertencem à interação, seja como parte da equipe, seja como plateia - acreditem no que está sendo atuado. Dessa forma,

quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que vêem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as conseqüências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser (Goffman 2002, p. 25).

Dentro da *performance* e, portanto, da atuação dos sujeitos, Goffman (2002) discute sobre o que chama de “papel discrepante”. Segundo o autor, um sujeito pode exercer diferentes papéis discrepantes e um deles, que destacamos na análise do nosso corpus, é “aquele que é freqüentemente chamado de “intermediário” ou “mediador”.” (Goffman, 2002, p. 139). Goffman esclarece como seria a atuação do mediador, dando exemplos de algumas situações:

O intermediário aprende os segredos de cada lado e dá a cada um a verdadeira impressão de que os guardará; mas procura dar a cada lado a falsa impressão de que é mais leal a esse lado do que ao outro. Às vezes, como no caso do árbitro em alguns conflitos trabalhistas, o intermediário pode atuar como um meio pelo qual duas equipes obrigatoriamente hostis chegam a um acordo mutuamente vantajoso. Às vezes, como no caso dos agentes teatrais, o intermediário pode atuar como o meio pelo qual cada lado recebe uma versão distorcida a respeito do outro, calculada de modo a criar uma relação mais estreita possível entre os dois lados (Goffman, 2002, p. 139).

Outros pontos importantes de serem considerados nas *performances* seriam o cenário e os comportamentos dos que estão atuando. Contudo, para que essa atuação seja eficaz e atinja o seu objetivo, sobretudo no âmbito da interação social, é indispensável que haja o que Goffman (2002) chama de “coerência expressiva”. Sobre essa expressão, Polivanov (2019, p.115) explica que é essencial que a postura dos sujeitos em interação sejam consistentes, isto é, que haja uma coerência entre “[...] entre a aparência do ator social, o cenário onde está performando e seu comportamento. Fica claro, contudo, na própria obra, que tal coerência deve ser entendida enquanto algo nunca plenamente atingível na prática, que serve mais como um constructo social”.

Além desses aspectos, Goffman (2002) elenca alguns componentes que podem fazer

parte da *performance*, e que também se relacionam, portanto, com os papéis que são assumidos pelos indivíduos, sendo eles: *realização dramática, idealização, controles expressivos, falsa apresentação e mistificações*.

A *realização dramática* seria um componente da *performance* que funciona como uma ferramenta que auxilia um indivíduo a conseguir expressar para o seu público a mensagem de sua atuação. A diferença entre uma cena sem a presença da *realização dramática* seria o fato de que, sem ela, determinados fatos relevantes da situação poderiam parecer insignificantes. Como salienta Goffman (2002), o sujeito busca tornar significativa a sua atuação de modo que ele consiga transmitir aquilo que deseja. Por isso, ele “inclui em sua atividade sinais que acentuam e configuram de modo impressionante fatos confirmatórios que, sem isso, poderiam permanecer despercebidos ou obscuros” (Goffman, 2002, p. 36,37).

Já a *idealização*, como o próprio nome diz, está relacionada à percepção que o sujeito quer que o seu público tenha dele. Portanto, o indivíduo tende a agir, normalmente, em busca de uma visão ideal, que é esperada pela sociedade e que causa uma impressão positiva. Assim, Goffman (2002, p. 40) destaca que, no processo de sociabilização, “(...) há a tendência que os atores têm a oferecer a seus observadores uma impressão que é idealizada de várias maneiras diferentes”. Além disso, o autor explica também que isso resulta no fato de que “quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo” (Goffman, 2002, p. 40).

Acerca dos *controles expressivos*, Goffman (2002) explica que, fora de cena, existe uma propensão a experimentarmos diferentes estados de humor, o que permite que determinados impulsos nos tomem conta. No entanto, a “coerência expressiva”, da qual comentamos anteriormente e que é solicitada nas relações sociais, “põe em destaque uma decisiva discrepância entre nosso eu demasiado humano e nosso eu socializado” (Goffman, 2002, p. 58). Isso porque, precisamos, em uma atuação social, deixar que este último comande a situação, uma vez que esta é a expectativa do público. Assim, o autor nos explica, ainda, que

como seres humanos somos, presumivelmente, criaturas com impulsos variáveis, com estados de espírito e energias que mudam de um momento para outro. Quando porém nos revestimos de caráter de personagens em face de um público, não devemos estar sujeitos a altos e baixos. Como disse Durkheim, não permitimos que nossa atividade social superior “siga a trilha de nossos estados físicos, conforme acontece com nossas sensações e nossa consciência corporal geral”. Espera-se que haja uma certa burocratização do espírito, a fim de que possamos inspirar a confiança de executar uma representação perfeitamente

homogênea a todo tempo (Goffman, 2002, p. 58).

Quanto à *falsa apresentação*, o autor chama atenção sobre o risco que corre o indivíduo que em sua atuação deixa transpassar uma má imagem sobre ele. Isso pode causar possíveis más impressões futuras com base nessa primeira e, desse modo, fazer com que os sujeitos que com ele dividem a cena ou que venham a ser seu público, possam vir a desconfiar da veracidade das ações que ainda virão. Portanto,

(...) uma falsa impressão mantida por um indivíduo em qualquer de suas práticas podeseerumaameaçaaorelacionamentooou papelinteirodoqualpráticaéapenas uma parte, pois uma revelação desonrosa a em uma área da atividade de um indivíduo lançará dúvida sobre as múltiplas outras, nas quais não tenha o que ocultar. Igualmente, se o indivíduo tem somente uma coisa a esconder durante uma representação, e mesmo se a probabilidade de revelação se der apenas em determinado momento ou fase da representação, a ansiedade do ator pode bem as estender a toda ela (Goffman, 2002, p. 65).

O autor fala também sobre as *mistificações* de uma *performance*. Parece haver uma concordância entre os envolvidos em uma atuação, o que inclui tanto os que atuam quanto o seu público. Isso pode ser justificado como um respeito mútuo entre esses sujeitos. Como aponta Goffman (2002, p. 69), “os assuntos em que o público não se mete pelo respeito ao ator são, provavelmente, aqueles de que ele se envergonharia se fossem revelados. Como indicou Riezler, temos portanto uma moeda social básica, com o respeito de um lado e a vergonha de outro.”

Assim, parece-nos que é conhecido o fato de que existem mistérios por trás das cenas referentes ao ator, mas que estes não devem e nem precisam ser mencionados, e, como uma espécie de acordo, nem o ator se manifesta sobre isso, nem a sua plateia.

2.2 Footing

Sempre pensando em como ocorrem as relações sociais, Goffman propôs, também, o conceito de *footing*. O termo criado pelo autor seria uma metáfora de como conseguimos caminhar de diversas formas em uma mesma ou em várias situações. Desse modo, entendemos que esse conceito busca refletir sobre o lugar que ocupa o *Self* dos sujeitos em suas relações. Como explicam Ribeiro e Garcez (2013),

footing representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do "eu" de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção. Passa, portanto, a caracterizar o aspecto dinâmico dos enquadres e, sobretudo, a sua natureza discursiva. Em qualquer situação face a face, os

"footings" dos participantes são sinalizados na maneira como eles gerenciam a produção ou a recepção das elocuições (Ribeiro e Garcez, 2013, p. 107).

Ressaltamos que, devido ao advento da tecnologia e à inserção das redes sociais na internet, as relações virtuais tornaram-se, também, além da situação face a face, objetos intrigantes de estudo, sendo, portanto, objeto de investigação desta pesquisa. Assim, as interações sociais, sejam elas virtuais ou face a face, possibilitam que as pessoas se posicionem e se mostrem a partir de várias facetas, a depender dos fatores que são delineados nas situações em que estão inseridas. É importante salientarmos que “os *footings* são introduzidos, negociados, ratificados (ou não), co-sustentados e modificados na interação.” (Ribeiro e Garcez, 2013, p. 108). Além disso, um ponto essencial de ser considerado é que os *footings* “podem sinalizar aspectos pessoais (uma fala afável, sedutora), papéis sociais (um executivo na posição de chefe de setor), bem como intrincados papéis discursivos (o falante enquanto animador de um discurso alheio)” (Ribeiro e Garcez, 2013, p.108).

Chamemos atenção para este último, sobre os papéis discursivos, que se relacionam com a *performance*, visto que, posteriormente, na análise dos nossos dados, observamos, justamente, como as pessoas se alinham aos discursos uma das outras. Ademais, percebemos, também, de que forma “essas identidades emergem, como se constituem e como se alteram no fluxo do discurso e da interação, como afetam de forma sutil, porém definitiva, a ação em curso.” (Ribeiro e Garcez, 2013, p. 108)

Goffman (2013) faz alguns apontamentos que representam a noção de *footing*. Destacaremos alguns que serão fundamentais para explicar as interações selecionadas referente ao nosso corpus de pesquisa. Nesse contexto, primeiramente, é importante que consideremos que “o alinhamento, ou porte, ou posicionamento, ou postura, ou projeção pessoal do participante está de alguma forma em questão.” (Goffman, 2013, p.113). Além disso, para compreendermos os *footings* é fundamental que levemos em conta na interação “[...] um continuum que vai das mais evidentes mudanças de posicionamento às mais sutis alterações de tom que se possa perceber” (Goffman, 2013, p. 113).

É comum, em uma interação social, que haja movimentação no cenário, isto é, que pessoas saiam e entrem em cena e que a postura de um dos atuantes seja alterada no decorrer da troca, por exemplo. Tais ações dependem de como o contexto se desenvolve, de sua temática e dos *Selfs* de cada um que podem se posicionar de diferentes formas. Isso ocorre porque “os participantes mudam constantemente seus *footings* enquanto vão falando, sendo

essas mudanças uma característica inerente à fala natural” (Goffman, 2013, p.114). Leão *et al.* (2008, p. 5) explicam, então, que o movimento de enquadres se caracteriza como *footing* se há, em uma interação, uma alteração de postura de formal para informal (ou o contrário); ou se uma pessoa é integrada na conversa ou excluída dela, ou ainda se a atenção da interação se volta para outra pessoa que nem faz parte da conversa, mas que está presente no ambiente.

Portanto, podemos dizer que compreender as mudanças de *footings* é indispensável para entendermos não só como nós, mas também como todos que fazem parte de uma interação estão se alinhando aos discursos existentes no contexto. Isso porque, “uma mudança de *footing* implica uma mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes, expressa na maneira como conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução” (Goffman, 2013, p. 113).

2.3 Gerenciamento de Impressão e o conceito de Face

Dois conceitos também muito discutidos por Goffman (2002) foram as temáticas do gerenciamento de impressão e da construção e manutenção da face. Essas noções estão diretamente relacionadas tanto ao que propõe o autor sobre *performance*, quanto ao que ele propõe sobre *footing*. Como vimos, o primeiro termo, refere-se à ideia de como os sujeitos se comportam em uma determinada situação, isto é, como atuam/performam. Já o segundo, refere-se à forma como as pessoas se alinham aos discursos das outras, dentro de sua atuação. O gerenciamento de impressão seria referente às estratégias utilizadas por cada sujeito em uma interação para conseguir controlar a visão que os outros vão ter sobre os seus comportamentos. De acordo com Carvalho e Grisci (2002, p.2), o gerenciamento de impressões “pode ser definido como as várias maneiras pelas quais os indivíduos *buscam controlar as impressões que os outros têm a seu respeito*, no que se refere a comportamentos, valores e atributos pessoais visando atingir um determinado objetivo”.

Um ponto importante a ser mencionado, que interfere no desenvolvimento do gerenciamento de impressão, e que também é salientado por Goffman (2002), é a percepção e a atenção que deve ser dada ao contexto social. Assim, “todo estabelecimento social é um local delimitado pelas barreiras da percepção onde acontecem determinadas atividades. Desta forma, quando estudamos a manipulação de impressões, automaticamente, estaremos estudando um estabelecimento social” (Malebranche e Samu, 2017, p.40).

Há, ainda, uma relação entre o estabelecimento social e a construção do *Self* de cada indivíduo em interação, que se relaciona com a sua imagem perante os outros, isto é, com sua face. Para Goffman (2002), o desenvolvimento do *Self* é algo social e construído, que surge através da troca. Portanto,

a visão do autor, estudada também por outros autores do chamado interacionismo simbólico, pressupõe um self que não surge inteiramente desde o nascimento do indivíduo, mas é constituído, principalmente, a partir da alteridade e das relações que esse indivíduo estabelece com outros. O self surge a partir das experiências e atividades sociais (Costantino, 2017, p. 156).

A partir da interação da interação é que os sujeitos aprendem quais são as melhores formas de agir em cada situação. Há uma tendência de que, nas relações sociais, haja uma tentativa de sempre manter uma impressão positiva, isto é, de manter a face, sem permitir que ela seja destruída na interação. Recuero (2013) esclarece que a construção de uma face e sua manutenção também ocorre nas redes sociais, como veremos em nossas a da interação é que os sujeitos aprendem quais são as melhores formas de agir em cada situação. Há uma tendência de que, nas relações sociais, haja uma tentativa de sempre manter uma impressão positiva, isto é, de manter a face, sem permitir que ela seja destruída na interação. Recuero (2013) esclarece que a construção de uma face e sua manutenção também ocorre nas redes sociais, como veremos em nossas análises,

sites de rede social também permitem aos atores criar e manter uma "identidade" que pode ser legitimada pelos demais, gerando ainda outros valores, tais como reputação e autoridade. A busca pela legitimação dos demais de determinados valores e constructos que imaginamos para nós faz parte daquilo que Goffman (1967) chama de "trabalho de face" (Recuero, 2013, p. 58).

Dessa forma, inferimos que, quando há uma preocupação dos sujeitos de apresentar um bom gerenciamento de sua impressão, há, conseqüentemente, um trabalho de face que requer do indivíduo uma boa percepção do contexto e do tema interacional para que haja, então, um bom posicionamento, que será bem visto e interpretado pela plateia. Recuero (2013, p. 58) explica, ainda, que a construção da face se dá a partir de "valores sociais positivos", ou seja, de modo que a atuação do sujeito seja aprovada e que resulte em uma imagem positiva diante de seu público.

Assim, "tomando a comunicação tanto no sentido amplo quanto no estrito, verifica-se que, quando o indivíduo está na presença imediata de outros, sua atividade terá um caráter promissório" (Goffman, 2002, p. 12). Entretanto, a postura assegurada por cada indivíduo dependerá, também, das suas intenções dentro da interação. Portanto, um sujeito

pode desejar que pensem muito bem dele, ou que eles pensem estar ele

pensando muito bem deles ou que percebam o que realmente sente com relação a eles, ou que não cheguem a ter uma impressão definida; pode desejar assegurar harmonia suficiente para que a interação possa ser mantida, ou trapacear, desembaraçar-se deles, confundi-los, induzi-los a erro, opor-se a eles ou insultá-los (Goffman, 2002, p. 13).

Entendemos então, que o que define as atitudes das pessoas em uma interação social é a expectativa que se tem das suas ações perante os outros. “Assim, quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a intenção que lhe interessa transmitir” (Goffman, 2002, p. 13-14).

Um aspecto que interfere no gerenciamento de impressão é o que Goffman (2002) chama de “incidentes”. Segundo o autor, quando acontece um incidente, pode ser que as pessoas que façam parte da cena tenham diferentes reações.

Examinei algumas das principais formas de rupturas da representação gestos involuntários, intromissões inoportunas, “fauxpas” e cenas. Estas rupturas, em termos habituais, são chamadas de “incidentes”. Quando acontece um incidente, a realidade patrocinada pelos atores é ameaçada. É provável que as pessoas presentes reajam tornando-se aturdidadas, constrangidas, embaraçadas, nervosas, etc. (Goffman, 2002, p. 194).

Portanto, concluímos que há uma propensão dos indivíduos de manterem suas faces e, assim, de gerirem boas impressões acerca de como os outros os enxergam. Contudo, muitos fatores podem alterar o fluxo interacional, a depender de como será desenvolvida a cena, se ocorrerão ou não incidentes e se, então, alguém terá sua atuação ameaçada.

3. Metodologia

Este trabalho é de natureza qualitativa e interpretativista, visto que nosso intuito é promover reflexões críticas a partir das nossas análises e que

A pesquisa qualitativa é um campo interdisciplinar, transdisciplinar e, às vezes, contradisciplinar, que atravessa as humanidades, as ciências sociais e as ciências físicas. (...) A pesquisa qualitativa adota duas tensões ao mesmo tempo. Por um lado, é atraída a uma sensibilidade geral, interpretativa, pós-experimental, pós-moderna, feminista e crítica. Por outro lado, é moldada para concepções da experiência humana e de sua análise mais restritas à definição positivista, pós-positivista, humanista e naturalista (Denzin e Lincoln, 2006, p. 390).

Nossa metodologia consistiu na seleção de dados interacionais gerados na plataforma *twitter*, mais especificamente na página pública *Quebrando o tabu*, que tem o objetivo de promover reflexões entre os usuários da rede acerca de temas que são

considerados tabus na nossa sociedade.

Considerando que a sociedade brasileira ainda é majoritariamente patriarcal, entendemos que em muitas situações a mulher é colocada em contextos de constrangimento, como, por exemplo, no trabalho. Em contraponto, “homens, como um grupo, são quem mais se beneficiaram e se beneficiam do patriarcado, do pressuposto de que são superiores às mulheres e deveriam nos controlar” (Hooks, 2018, p. 13).

Algo que tem colaborado muito para a desconstrução do patriarcado e para resultados positivos na luta das mulheres na sociedade é o crescimento e desenvolvimento do movimento feminista. De acordo com Hooks (2018, p. 17), “dito de maneira simples, feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão”. Podemos ver esse tipo de reivindicação, sobretudo de mulheres, de forma bastante significativa nas redes sociais, uma vez que muitas delas fazem questão de expor suas ideias.

De uma forma mais ampla, Garcia (2015, p. 13) explica que “sempre que as mulheres individual ou coletivamente criticaram o destino injusto e muitas vezes amargo que o patriarcado lhes impôs e reivindicaram seus direitos por uma vida mais justa estamos diante de uma ação feminista”. Tal postura pode ser observada como um comportamento das mulheres bastante ocorrente nas redes sociais.

Portanto, selecionamos uma postagem (figura 1) em que a página *Quebrando o tabu* compartilhou uma outra postagem referente ao tema do assédio às mulheres no ambiente de trabalho, instigando uma discussão sobre o tema a partir da pergunta “Mulheres, quais frases vocês já ouviram no ambiente profissional? Conta pra gente!”. Nessa interação, observaremos, logo a seguir, que as mulheres aproveitam o espaço para compartilhar situações de assédio vividas, o que gera, por exemplo, questionamentos sobre se o que elas contam é assédio mesmo. Com isso, nosso estudo selecionou *tweets* de mulheres que descrevem frases ouvidas ditas por homens no ambiente de trabalho e que são caracterizadas por elas como assédio. As redes sociais públicas permitem a interação de qualquer pessoa que seja usuária da rede e, portanto, veremos que há a presença não só de mulheres como também de homens no debate, o que gera, justamente, o confronto instigante da cena e da atuação de seus participantes.

Nosso intuito foi analisar como os sujeitos em interação nesta postagem atuam, isto é, como são as suas *performances*; bem como de que forma se alinham aos discursos dos outros sujeitos em interação, ou seja, como são desenvolvidos os *footings*; e, ainda, quais são as estratégias utilizadas por esses sujeitos para gerenciarem a sua impressão e manterem suas faces.

Fizemos isso com base nos apontamentos de Goffman (2002) discutidos anteriormente no nosso aporte teórico.

Figura 1 - Frases comuns no ambiente de trabalho



Fonte: *twitter*, quebrando o tabu

4. Análise de dados

Antes de darmos início a nossa análise, faremos alguns apontamentos acerca dos dados selecionados. Os dados gerados de figuras públicas, ou seja, cujos perfis são verificados, serão mantidos expostos. Contudo, os nomes dos sujeitos que interagem na publicação e que não são pessoas públicas, serão substituídos por nomes fictícios, para que possa ser mantido o anonimato dos participantes, ainda que as publicações sejam públicas.

Algumas questões importantes de serem comentadas são a forma como as páginas que fizeram as publicações provocativas se apresentam para seus públicos e os números de alcance de cada uma delas. Assim, a página *Quebrando o Tabu*, como podemos ver na figura 2, apresenta-se como uma página que tem o intuito de instigar “um mundo mais bem

informado e menos careta” e conta com um número significativo de seguidores, alcançando o número de 2,5 milhões.

Figura 2 - Perfil da página Quebrando o Tabu no *twitter*



Fonte: *twitter*, quebrando o tabu

Já na Figura 3, vemos o perfil e Livia Laranjeira, a responsável pela postagem original que gerou a interação que servirá como dado nesta pesquisa. Como podemos observar, Livia se apresenta como “Repórter da @RedeGlobo e do @SporTV, fala sobre a presença das mulheres no esporte no @CoisadoGenero e, no *twitter*, fala sobre futebol, feminismo e o que mais der na telha”. A partir dessa descrição, podemos inferir que Livia performa, entre outras coisas, como feminista nesse canal de comunicação. A repórter conta com um número de 38,7 mil seguidores.

Figura 3

Perfil de Livia laranjeira no *twitter*Fonte: *twitter*, quebrando o tabu

Um aspecto importante de ser sinalizado em relação aos números da postagem são as informações referentes ao engajamento da publicação provocativa. Como podemos ver na figura 1, a postagem resultou em 41 *retweets*, 17 comentários e 995 curtidas. No entanto, é válido ressaltar que a partir dos 17 comentários, que chamaremos de principais em relação à publicação, outros subcomentários são feitos como formato de respostas a esses principais. Portanto, a publicação gerou mais do que apenas 17 comentários e o foco da nossa pesquisa será, justamente, a análise da interação dos subcomentários feitos em relação aos comentários principais.

Nossas análises acerca dos dados interacionais serão dividida em duas partes: primeiro refletiremos sobre a interação de Paulo e Ana e, em segundo, sobre a interação de Bruna com outras pessoas. Portanto, chamamos atenção para os nomes Paulo e Bruna, que serão, sobretudo, nossos focos de análise.

Iniciando, então, a primeira parte, temos a figura 4 referente a um comentário feito por Ana, em resposta à pergunta da página *Quebrando o tabu* (como vimos na figura 1), seguidos de algumas respostas de Paulo.

A emblemática pergunta “Isso é assédio?” da interação entre Paulo e Ana que recebeu destaque no nosso título, a princípio, poderia ser interpretada apenas como um questionamento de Paulo para compreender melhor sobre o tema. No entanto, ressaltamos o contexto em que a interação ocorre e podemos inferir que os relatos das mulheres surgem na interação como resposta tanto à postagem de Livia, que afirma que as mulheres sofrem assédio dentro do ambiente de trabalho, quanto à da página *Quebrando o tabu*, que as questiona sobre “quais frases já ouviram no ambiente de trabalho”.

Diante disso, podemos perceber, a partir dos comentários de Paulo, que não há uma preocupação com sua *performance*, visto que ele não parece estar se importando com os processos de *realização dramática*, *idealização* e nem dos seus *controles expressivos*, como propõe Goffman (2002). Ou seja, Paulo não busca, a partir de seus comentários, passar uma boa percepção dele próprio, bem como também não parece ligar para o fato de apresentar *controles expressivos* de insatisfação com a percepção de Ana sobre a situação debatida. Além disso, podemos notar que o *footing* de Paulo na interação não parece estar intrincado ao de Ana, pelo contrário, parece estar em oposição. Desse modo, podemos concluir, também, que Paulo não se preocupou com o que Goffman (2002) salienta sobre manter a face, e, em consequência disso, há um mau gerenciamento de sua impressão, visto que ele não demonstra controlar a imagem que pode ser mal recebida por Ana e até mesmo pelos seguidores da página, que estariam no lugar de público dessa *performance*, visto que o conteúdo é público.

É importante ressaltarmos o contexto interacional em que essas *performances* estão sendo construídas, visto que ele é determinante para as interpretações feitas sobre os *footings*, faces e gerenciamentos dos sujeitos. A página *Quebrando o tabu*, como podemos perceber pelo seu próprio nome, possui muitos seguidores que debatem e defendem causas que podem ser consideradas como tabus na nossa sociedade, tal como o machismo. Assim, salientamos que a ameaça à face de Paulo está diretamente relacionada com o tipo de público que possui a página e que tenderá a se alinhar a discursos desconstruídos sobre os temas levantados.

Assim, a interpretação de que Paulo gerenciou mal sua impressão, bem como teve uma *performance* negativa, teve sua face ameaçada e não construiu um *footing* intrincado ao de Ana é justificada pelo contexto em que estão inseridos os participantes desta cena. Comprendemos, ainda, que em um contexto em que a maioria do público estivesse em

acordo com os pensamentos e posicionamentos de Paulo, nesse caso, quem poderia estar ameaçada seria Ana.

Figura 4 - Isso é assédio?



Fonte: *twitter*, quebrando o tabu

Outro ponto que podemos destacar é a fala de Ana: “O mundo sempre foi chato, você que é do heteropatriarcado que sempre se beneficiou disso”. Nesse momento, vemos o que sinalizou Constantino (2017) sobre o fato de o *Self* não ser algo que advém junto ao nascimento dos indivíduos, mas que é desenvolvido nas suas interações em sociedade, o que pode ser resultado, por exemplo, da postura de Paulo, em que na sua relação com ana acaba tendo um *footing* projetado por ela a uma sociedade patriarcal. Assim, podemos dizer, ainda, que Ana entende que a *performance* construída por Paulo é fruto do heteropatriarcado, e, por isso, o não alinhamento com o discurso dela.

Além disso, destacamos, também, que a face de Paulo pode estar ameaçada pois ele projeta um *footing* para Ana como uma pessoa “carioca”, como vemos no último comentário. Isso também pode ser entendido como postura que está em desencontro com o público da

cena vista a forma que ele caracteriza os posicionamentos de Ana contra o machismo. Podemos perceber isso a partir das curtidas recebidas nos comentários de Ana, que demonstram um número considerável de pessoas que se alinham ao discurso dela, enquanto nos comentários de Paulo há um número menor. Portanto, é possível dizermos que a *performance* da Ana foi mais favorável para a plateia do que a de Paulo.

Por fim, outro dado importante de ser mencionado é a mudança de comportamento de Paulo sobre a manutenção de sua face e o mau gerenciamento de impressão anteriormente demonstrado por ele. Posteriormente, ao voltarmos na publicação, percebemos que os comentários de Paulo não estavam mais disponíveis (figura 5). Isso ocorreu, provavelmente, porque ele viu sua face ser perdida e por seu gerenciamento de impressão ter sido negativo, já que, como vimos, o *footing* demonstrou uma plateia mais alinhada ao discurso de Ana.

Figura 5 - Comentários indisponíveis

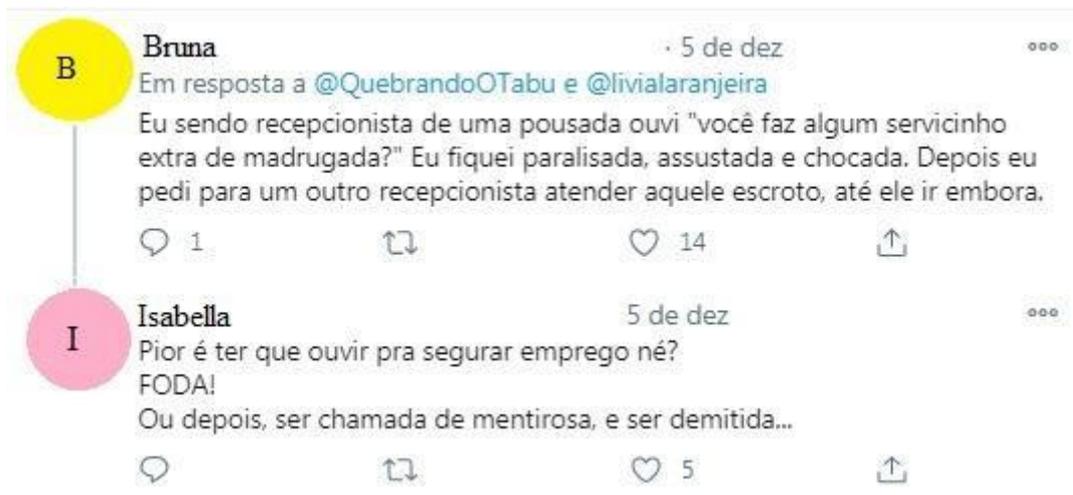


Fonte: *twitter*, quebrando o tabu

É interessante observarmos a particularidade da interação através das redes sociais que permite que os sujeitos utilizem mecanismos diferentes para realizar suas *performances* e seus gerenciamentos de impressão, como o de apagar o *tweet* utilizado por Paulo. Em uma interação face a face, o recurso “apagar” não é possível, havendo uma necessidade de reconstrução de discurso, por exemplo, caso haja uma situação como a de Paulo, em que ele precise gerenciar sua impressão perante o público.

Para a segunda parte da nossa análise, temos as figuras de 6 a 9, seguindo os *tweets* em resposta à pergunta provocativa feita pela página quebrando tabu, encontramos a resposta de Bruna que traz outro comentário feito por um homem no seu ambiente de trabalho em que ela alinha tal posicionamento como assédio. Percebemos que Bruna relata um episódio de assédio que aconteceu com ela, explicando, que, na situação ela ficou “paralisada, assustada e chocada” e que, por causa disso, não teve outra reação, senão pedir para outra pessoa assumir o lugar dela até que o assediador fosse embora. Fazendo apenas a leitura desse comentário, notamos que Bruna não conseguiu, na situação relatada, manter sua *coerência expressiva*, uma vez que permitiu que os sentimentos de paralisia, medo e choque a dominassem. Vemos, ainda, que Bruna projeta um *footing* para a pessoa da qual estava falando como “aquele escroto”.

Figura 6 - Resposta de Bruna a pergunta da postagem



Fonte: *twitter*, quebrando o tabu

Partindo, agora, para a análise da figura 7, vemos Bruna comentando na resposta de outra pessoa. Na primeira interação, Bruna mostra indignação em relação à situação que Carol passou. Nesse momento, podemos notar que na *performance* de Bruna ela realiza a etapa da *idealização*, em que ela age de acordo com o que ela quer que os outros pensem dela ao dizer “Meu Deus, não é possível! To chocada!!! Diz que você deu um soco na cara desse lixo?”. Nesse caso, inferimos que em sua *performance* ela tenha a preocupação de mostrar ao seu público um *controle expressivo*, que não permitiria que ela paralisasse e tomasse uma atitude diante de um assediador, algo que contradiz a atitude dela própria em uma situação real semelhante, como a descrita por ela mesma na figura 6. Contudo, é interessante notarmos, também, que após Carol explicar o que ela realmente fez diante da situação, como ela diz na frase “Fiquei tão

constrangida que não sabia nem o que fazer”, há uma mudança de *footing* de Bruna. Em um primeiro momento Bruna assume uma postura de revolta e questiona Carol incentivando-a a agir “dando um soco na cara desse lixo”. Já em um segundo momento Bruna assume o papel de falante animador do discurso alheio, como propõe Ribeiro e Garcez (2013), quando fala “Eu sei como é, a gente fica paralisada nesses momentos”.

Figura 7 - Meu Deus, não é possível



Fonte: *twitter*, quebrando o tabu

Na figura 8, vemos, agora, uma interação entre Bruna e outra mulher, Daniela, que relata uma frase assediadora que já ouviu no trabalho: “Você é mt séria, vc fica linda quando está sorrindo”. Em seguida, Bruna responde Daniela contando que já ouviu “Você sorrir muito, isso dá abertura para outras coisas.....” e complementa, ainda, como se fosse uma fala dela na situação, demonstrando que ela respondeu, então, naquele momento: “Eu faço o que eu quiser PORRAAA”. Nessa interação podemos observar outra *performance* de Bruna, também diferente da que ela apresentou na figura 6. É possível notar uma mudança de *footing* de Bruna nas imagens 6 e 8 e que ela busca fazer isso para se alinhar ao discurso de Daniela e ao mesmo tempo construir uma *performance idealizada*, como descreve Goffman (2002). Nesse caso, Bruna não constrói uma *performance* de quem se paralisou diante do caso do assédio, como demonstrado nas outras figuras (6 e 7), mas projeta um *footing* agentivo para o seu “eu” na interação que ela cita (figura 8).

Figura 8 - Eu faço o que eu quiser PORRAAA



Fonte: *twitter*, quebrando o tabu

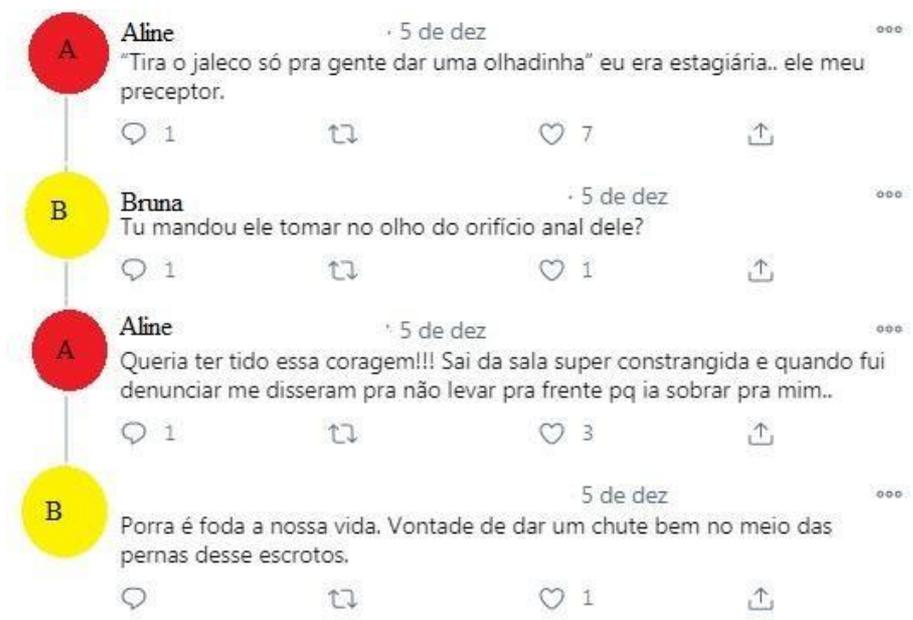
Um aspecto interessante de comentarmos é a forma como Bruna se expressa na sua resposta relatada na situação. Ela utiliza o recurso *CapsLock*, que em contexto de conversa virtual significa grito. Entendemos então que, nesse momento, Bruna faz uma *realização dramática* em sua *performance*, demonstrando expressar que essa postura é a que ela quer demonstrar para o seu público ser a mais adequada na situação e que foi, portanto, a atitude tomada por ela, independente se essa informação é verdadeira ou não.

Por fim, temos a interação entre Bruna e Aline, em que Bruna parece *performar* de forma semelhante à situação da figura 7. Assim, Aline comenta contando a frase que já ouviu no trabalho “tira o jaleco só pra gente dar uma olhadinha” e Bruna responde “tu mandou ele tomar no olho do orifício anal dele?”. Entretanto, quando Aline responde demonstrando que não teve coragem para reagir, Bruna muda de *footing* para alinhar-se ao discurso de Aline, respondendo “Porra, é foda a nossa vida. Vontade de dar um chute bem no meio das pernas desses escrotos”.

Nas diversas interações que selecionamos, Bruna parece tentar criar uma *performance idealizada*, de modo a demonstrar que ela consegue reagir às situações da forma como se espera que ela reaja, a partir do que define os constructos sociais. No entanto, Bruna parece se mostrar dividida em alguns momentos entre manter uma face de acordo com a forma que ela deseja ser interpretada pelo seu público, de uma mulher de atitude, ou se alinhar aos discursos das outras pessoas com quem está interagindo, as quais mostram que não conseguiram reagir

diante de situações de assédio.

Figura 9 - Porra é foda a nossa vida.



Fonte: *twitter*, quebrando o tabu

Na figura 9, percebemos, através do último comentário de Bruna que ela pode ter perdido a sua face de mulher de atitude ou, ainda, que houve um desalinhamento de *footing* dela com ela mesma em momentos e contextos diferentes, visto que na interação ela diz “Vontade de dar um chute bem no meio da perna desses escrotos”, explicitando que essa é uma vontade sua, mas que não parece ser a realidade de sua *performance* quando essas situações realmente ocorrem, como ela mesma declarou na figura 6 ao relatar de sua reação diante de uma situação de assédio vivenciada.

Portanto, concluímos que Bruna, diferente de Paulo, a princípio, preocupa-se com a manutenção de sua face e, conseqüentemente, em gerenciar uma boa impressão sua perante os outros participantes na interação. No entanto, acaba oscilando suas *performances*, ao se ver na necessidade de realizar mudanças de *footing* na tentativa de se alinhar, também, aos discursos das mulheres com quem está interagindo.

5. Considerações finais

Compreender as interações via redes sociais tornou-se algo indispensável, visto que as

relações virtuais estão cada vez mais presentes no nosso dia a dia. Assim, do mesmo modo que a interação face a face, os sujeitos já apresentam toda uma elaboração para que a conjuntura interacional seja bastante expressiva. No entanto, é importante salientarmos que os estudos das relações virtuais, mais do que os das interações face a face, não parecem se preocupar com a veracidade das informações, mas sim, com a forma como cada sujeito busca se mostrar publicamente.

Foi possível notar a partir das nossas análises que nas redes sociais possuímos outros recursos que se diferenciam dos disponíveis nas interações face a face, como o de apagar o *tweet* como forma de gerenciar impressão, como vimos no caso da *performance* de Paulo. Em contraponto, podemos dizer que há uma *performance* mais assertiva através das redes, como notamos nas falas de Bruna que deseja ter uma *performance* mais agentiva frente aos casos de assédio. Por conta disso, Bruna procura uma agentividade diante do assédio nos depoimentos de outras mulheres, no entanto, percebe que muitas vezes as mulheres performam de maneira paralizante nesses casos, como vemos nos relatos feitos na interação.

Desse modo, nossa pesquisa buscou refletir sobre as posturas de alguns indivíduos, em um contexto de interação virtual, identificando as estratégias utilizadas por eles para se apresentarem ao seu público. Os estudos de Goffman (2002) foram fundamentais e serviram como suporte para nossas análises.

Portanto, concluímos que as escolhas sobre como agir, feitas por cada indivíduo, podem depender de muitos fatores. Dentre eles, decidimos destacar, neste trabalho, a preocupação com a manutenção da face e com um bom gerenciamento de impressão, visto que esses dois aspectos podem parecer indispensáveis para compreendermos como um sujeito elabora a sua *performance* perante a sua plateia e quais são as suas motivações para realizar algumas mudanças de *footing*.

Referências

CARVALHO, M.L.; GRISCI, C.L.I. Gerenciamento de Impressões na Seleção de Pessoal: construindo estilos de vida contemporâneos. Revista Eletrônica de administração, Ed. 28 v.8 n.2. Porto Alegre, 2002. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/read/article/view/44110>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

COSTANTINO, F. A. Construção identitária e gerenciamento da impressão em espaços online de interação. Comunicologia, UCB, v. 10, n. 1, Brasília, 2017. Disponível em:

<<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/8116/5123>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

_____. [1979]. Footing. Trad. Beatriz Fontana. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). Sociolinguística Interacional. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GARCIA, C.C. Breve história do feminismo. São Paulo: Claridade, 2015.

HOOKS, B. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. 1.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LEÃO, A. L. M. S.; MELLO, S. C. B.; FREITAS, C. K. A. O alinhamento do “eu” (footing) em interações sociais por meio dos recursos simbólicos das marcas. XXXII Encontro ANPAD. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/down_zips/38/MKT-A340.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2020.

MALEBRANCHE, H. SAMU, F. A teoria de Goffman e o gerenciamento de impressões. Revista Humus, v. 7, n. 21, 2017. Disponível em:

<<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/6949/4879>>. Acesso em: 11 dez. 2020.

POLIVANOV, B. B. Identidades na contemporaneidade: uma reflexão sobre performances em sites de redes sociais. Revista do centro de pesquisa e formação, n. 8, jul. 2019. Disponível em: <<https://www.sescsp.org.br/files/artigo/ef7ed940/ac81/4b23/8273/79b971fc5666.pdf>>. Acesso em: 09 dez. 2020.

QUEBRANDO O TABU. Mulheres, quais frases vocês já ouviram no ambiente profissional? Conta pra gente! Disponível em:

<<https://twitter.com/QuebrandoOTabu/status/1335305439869800450>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

_____. Quebrando o Tabu. Disponível em: <<https://twitter.com/QuebrandoOTabu>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

_____. Livia Laranjeira. Disponível em: <<https://twitter.com/livialaranjeira>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

RECUERO, R. Atos de ameaça a face e a conversação em redes sociais na internet. In: PRIMO, A. (Org.). Interações em Rede. Porto Alegre: Sulina, 2013. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/rascunhoatosdeameaca.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

RIBEIRO, B. T. ; GARCEZ, P. M. (Org.). Sociolinguística Interacional. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2013.